



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3

Atena
Editora

Ano 2019



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3

Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série. CDD 711
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919121	
CAPÍTULO 2	14
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.4651919122	
CAPÍTULO 3	32
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4651919123	
CAPÍTULO 4	48
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4651919124	
CAPÍTULO 5	60
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4651919125	
CAPÍTULO 6	72
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4651919126	

CAPÍTULO 7	83
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4651919127	
CAPÍTULO 8	96
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919128	
CAPÍTULO 9	108
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
DOI 10.22533/at.ed.4651919129	
CAPÍTULO 10	122
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
DOI 10.22533/at.ed.46519191210	
CAPÍTULO 11	134
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191211	
CAPÍTULO 12	147
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
DOI 10.22533/at.ed.46519191212	
CAPÍTULO 13	159
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
DOI 10.22533/at.ed.46519191213	

CAPÍTULO 14	172
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46519191214	
CAPÍTULO 15	190
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.46519191215	
CAPÍTULO 16	202
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.46519191216	
CAPÍTULO 17	217
MINHOCÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
DOI 10.22533/at.ed.46519191217	
CAPÍTULO 18	231
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.46519191218	
CAPÍTULO 19	244
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.46519191219	

CAPÍTULO 20	256
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.46519191220	
CAPÍTULO 21	264
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.46519191221	
CAPÍTULO 22	278
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
DOI 10.22533/at.ed.46519191222	
CAPÍTULO 23	290
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.46519191223	
CAPÍTULO 24	302
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191224	
CAPÍTULO 25	316
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191225	

CAPÍTULO 26	328
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
DOI 10.22533/at.ed.46519191226	
CAPÍTULO 27	344
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.46519191227	
CAPÍTULO 28	357
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191228	
CAPÍTULO 29	370
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
DOI 10.22533/at.ed.46519191229	
CAPÍTULO 30	380
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
DOI 10.22533/at.ed.46519191230	
CAPÍTULO 31	393
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

CAPÍTULO 32	406
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46519191232	
CAPÍTULO 33	417
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
DOI 10.22533/at.ed.46519191233	
CAPÍTULO 34	424
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
DOI 10.22533/at.ed.46519191234	
CAPÍTULO 35	441
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.46519191235	
CAPÍTULO 36	447
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
DOI 10.22533/at.ed.46519191236	
CAPÍTULO 37	472
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191237	
SOBRE A ORGANIZADORA	493
ÍNDICE REMISSIVO	494

INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS

Giselle Carvalho Leal

Universidade do Vale do Itajaí, Curso de
Arquitetura e Urbanismo

Balneário Camboriú, Santa Catarina

Thayse Fagundes e Braga

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso
de Pós Graduação em História

Florianópolis, Santa Catarina

RESUMO: A Praia de Cabeçudas, na cidade de Itajaí, foi um dos primeiros balneários a se formar no litoral norte catarinense com o auxílio governamental e também das elites industriais do Vale do Itajaí, especialmente aquelas de origem germânica. Desde a década de 1920, até meados de 1980, aquela área funcionou como um laboratório de arquiteturas. As elites investiram em suas casas de veraneio como símbolo de poder e inovação. Por este motivo podem ser encontrados em Cabeçudas alguns exemplares relevantes de Arquitetura Moderna, produzidos entre as décadas de 1960 e 1970. Desta forma, o objetivo deste artigo é apresentar estes modelos, promovendo a valorização destes monumentos urbanos comumente desconsiderados nas cidades de pequeno e médio porte, como obras a serem preservadas. Esta investigação vem à tona em momento oportuno, pois através da dissertação da pesquisadora Thayse Fagundes

e Braga sobre a formação do Balneário de Cabeçudas e suas arquiteturas, defendida em 2014, o Ministério Público de Santa Catarina, em dezembro do ano passado solicitou ao IPHAN, a Fundação Catarinense de Cultura e a Fundação Cultural de Itajaí, esclarecimentos sobre a importância histórica e arquitetônica daquele balneário. Este artigo, portanto, vem complementar a investigação já iniciada sobre Cabeçudas e fornecer informações acerca daqueles exemplares relevantes de Arquitetura Moderna que ainda não foram estudados. Tanto os órgãos governamentais, a população catarinense e a comunidade acadêmica são beneficiados, com as informações inéditas a serem expostas neste artigo, para defesa do patrimônio e esclarecimento sobre a arquitetura moderna em Cabeçudas.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura; Arquitetura Moderna; Valorização, Patrimônio; Preservação.

ABSTRACT: Cabeçudas Beach, in the city of Itajaí, was one of the first resorts to form on the north coast of Santa Catarina with the help of the government and also the industrial elites from the Itajaí Valley, especially those of German origin. From the 1920s until the mid of 1980s, that area worked as an architectural lab. The elites invested in their vacation homes as a symbol of power and innovation. For this reason some relevant examples of Modern Architecture

examples can be found in Cabeçudas, and they were produced between the 1960s and the 1970s. Thus, the aim of this paper is to present these models, promoting the valorization of these urban monuments commonly disregarded in small and medium size cities, as works to be preserved. This investigation comes to light at an opportune moment, because through the dissertation of the researcher Thayse Fagundes and Braga about the formation of the Cabeçudas balneary and its architectures, defended in 2014, the Public Prosecution Service of Santa Catarina, in December last year requested IPHAN, the Santa Catarina Foundation of Culture and the Itajaí Cultural Foundation, explanations about the historical and architectural importance of that area. This article, therefore, complements the research already begun on Cabeçudas and provides information on those relevant examples of Modern Architecture that have not yet been studied. Both the government agencies, the population of Santa Catarina and the academic community can benefit, with the unpublished information to be exposed in this article, for defense of the heritage and enlightenment of modern architecture in Cabeçudas.

KEYWORDS: Architecture, Modern Architecture, Appreciation, Heritage, Preservation.

1 | INTRODUÇÃO

A Praia de Cabeçudas, na cidade de Itajaí, foi um dos primeiros balneários a se formar no litoral norte catarinense com o auxílio governamental e também das elites industriais do Vale do Itajaí, especialmente aqueles de origem germânica. Desde a década de 1920 até meados da década de 1980 aquela área funcionou como um laboratório de arquiteturas. As elites investiram em suas casas de veraneio como símbolo de poder e gosto inovador. Por este motivo podem ser encontrados em Cabeçudas alguns exemplares relevantes de Arquitetura Moderna produzidos entre as décadas de 1960 e 1970. Desta forma, o objetivo deste artigo é apresentar estes exemplares promovendo a valorização destes monumentos urbanos comumente desconsiderados nas cidades de pequeno e médio porte como obras a serem preservadas.

A arquitetura moderna brasileira se tornou reconhecida internacionalmente em meados do século XX, e atualmente tem sido tema de vários estudos nos campos da arquitetura e urbanismo no Brasil. Estas obras próximas de completarem um século demandam atenção e apresentam necessidade de restauro e conservação. As questões relacionadas ao por que preservar, o que preservar e como preservar a Arquitetura Moderna vem sendo discutidas desde 1988 até os dias atuais através do fórum Docomomo (International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement).

De acordo com Moreira (2010, p.6) a conservação da arquitetura moderna “apresenta alguns novos desafios que merecem uma reflexão mais cuidadosa”.

Este adverte que tais desafios não se limitam às questões técnicas e materiais, mas também às conceituações sobre preservação. O fato de ser uma arquitetura considerada “recente” contribui para a falta de conhecimento da população em relação à importância dessa arquitetura e sua relação com a cidade.

O mundo moderno está a nossa volta e as pessoas resistem a reconhecer como significativos os edifícios ou paisagens nas quais nasceram ou cresceram. (MOREIRA, 2010.p.199).

O auge da arquitetura moderna brasileira, que se deu entre os anos 40 e a construção de Brasília, teve atenção especial por parte do órgão federal maior, o IPHAN:

Não por acaso o Brasil foi o primeiro país do mundo a implementar ações legais visando à salvaguarda de exemplares da arquitetura moderna, com a inscrição no Livro do Tombo das Artes do IPHAN (então SPHAN), em 1947 – apenas dez anos após a criação do órgão federal de proteção do patrimônio – da Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, em Belo Horizonte, obra de Oscar Niemeyer inaugurada apenas quatro anos antes. (ANDRADE JÚNIOR; CARVALHO; FREIRE, 2010. p.33).

ANDRADE JÚNIOR et al (2010) salientam que nessa instância federal receberam maior atenção e foram consagradas obras pertencentes à vertente carioca. Le Corbusier foi uma referência para os profissionais da área da construção civil formados no Rio de Janeiro em meados da década de 30, quando o país então governado por Getúlio Vargas, usava a arquitetura como ferramenta do progresso nacional. Em 1936 Le Corbusier veio ao Brasil para a consultoria da sede do Ministério da Educação e Saúde (Ed. Gustavo Capanema), contribuindo para o despertar de talentos como Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer e Jorge Moreira, os quais se tornaram representantes de uma das principais vertentes arquitetônicas nacionais de seu personagem norteador.

Somente na década de 80 foram tombados exemplares de outra corrente, como as três casas de Gregori Warchavchik, construídas entre 1927 e 1930 em São Paulo. Apenas na primeira década do século XXI foram tombadas obras como a casa de vidro de Lina Bo Bardi (São Paulo) e o elevador Lacerda (Art Déco) na Bahia. Sendo assim, conclui-se que apesar do pioneirismo das ações de tombamento, as mesmas foram limitadas a uma das tendências do moderno no Brasil.

Segundo Tinem (2010) há uma opinião predominante de que a proteção do moderno deve seguir a mesma rotina de preservação relativa a outros momentos históricos. Mas será que não é esta a oportunidade de repensar o que fazer com as obras de “valor artístico”, ou seja, a prática de preservação existente hoje? A experiência das agências de proteção arquitetônica mostra os custos altos das restaurações, a dificuldade de fiscalizar os bens tombados, a ausência de mecanismos

de conservação de bens que merecem alguma forma de proteção, paralelamente a ausência de uma linha de financiamento para estes fins.

Atualmente percebe-se que no geral as obras modernistas no Brasil são desprestigiadas quanto ao tombamento, visto que ainda não foi encontrado um resguardo efetivo de sua integridade. A ausência de práticas de manutenção adequada e interferências sem critério nessas arquiteturas, bem como a ausência de disposições legais de preservação que atendam às peculiaridades da proposta moderna, contribuem para esse quadro.

Estudos que promovam a investigação da difusão da Arquitetura Moderna pelo país contribuem para a compreensão de um estado da arte desta modalidade de forma descentralizada, e não apenas considerando os grandes centros ou ainda as capitais, desta forma, ressalta-se a importância da pesquisa em Arquitetura Moderna também nas cidades médias e periféricas.

2 | O ESTUDO DA ARQUITETURA MODERNA EM SANTA CATARINA

Em Santa Catarina alguns grupos de pesquisadores tem se concentrado na investigação e identificação destas obras modernas e seus arquitetos, alguns exemplos podem ser mencionados neste sentido como o evento “Encontro dos Pesquisadores do Modernismo em Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina” que ocorre bianualmente tendo sido seu último encontro em 2017 na cidade de Brusque. Este encontro, que já contou com cinco versões, reúne pesquisadores com interesse na investigação e preservação das obras modernas catarinenses.

Através deste evento podem-se conhecer os profissionais e pesquisas da área como o trabalho desenvolvido por João Noll, professor da FURB (Blumenau) que escreveu sobre as obras de Gottfried Boehm, arquiteto alemão premiado pelo Pritzker, com exemplares em Brusque e Blumenau, e ainda outros projetos não realizados. Além da continuidade de suas pesquisas com um grupo de alunos que desenvolve a investigação dos exemplares modernos na cidade de Blumenau. Em Florianópolis, os professores Luiz Eduardo Fontoura Teixeira e Gilberto Sarkis Yunes, liderando um grupo de alunos, e com o apoio do IPHAN, criaram um guia disponível online e impresso de obras modernas da capital catarinense. Além deste guia, ambos os professores há anos vem desenvolvendo pesquisas e orientando alunos nesta área. Ainda na Universidade Federal é possível destacar os trabalhos de Karine Daufenbach e Bernardo Brasil sobre a obra de Hans Broos.

Sobre os exemplares de Cabeçudas (Itajaí) a pesquisadora Thayse Fagundes e Braga também já realizou alguns trabalhos conhecidos pelo grupo de Pesquisadores do Modernismo em Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina, sendo eles um trabalho de conclusão de especialização em História da Arte e artigos sobre o Hotel

Balneário de Cabeçudas projetado por Roberto Félix Veronese, e uma dissertação de mestrado sobre a formação do Balneário de Cabeçudas contemplando os exemplares arquitetônicos produzidos até a década de 1960. A limitação temporal das obras arquitetônicas escolhidas, entretanto, não permite uma análise mais completa da instalação de obras modernas naquele balneário, o que este artigo se propõe a fazer, ampliando este recorte temporal e concentrando sua investigação nos exemplares com esta linguagem.

Esta investigação vem à tona em momento oportuno, pois através da dissertação desta pesquisadora, defendida em 2014, o Ministério Público de Santa Catarina, em dezembro do ano passado solicitou ao IPHAN, a Fundação Catarinense de Cultura e a Fundação Cultural de Itajaí, esclarecimentos sobre a importância histórica e arquitetônica daquele balneário. Este artigo, portanto, vem complementar a investigação já iniciada sobre Cabeçudas e fornecer informações acerca daqueles exemplares relevantes de Arquitetura Moderna que ainda não foram estudados. Tanto os órgãos governamentais, a população catarinense e a comunidade acadêmica são beneficiados, portanto, com as informações a serem expostas neste artigo para defesa e esclarecimento sobre a presença da arquitetura moderna em Cabeçudas.

3 | ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS

Há pouco mais de cem anos a prática do banho de mar como lazer não era bem vista no Brasil devido às regras de pudor vivenciadas na época. Na virada do século XIX para o XX, entretanto, este costume foi se tornando comum até que na década de 1920 caiu no gosto das elites que passaram a ver o veraneio em estações balneares litorâneas como sinônimo de status social. Neste contexto de transição surgiu o balneário de Cabeçudas, na cidade de Itajaí. A praia que antes era ocupada por pescadores e em cujas águas ancoravam grandes embarcações, inclusive muitas que traziam imigrantes estrangeiros, já contava em 1905 com veranistas, como a família do Cônsul Carlos Renaux, e nos anos 20 com o Hotel Herbst com especialidades destinadas a uma estação de banhos.

A partir de então se passou a dar mais atenção para aquele espaço e diversas obras de infraestrutura foram empreendidas como a abertura de ruas, ações de saneamento para contenção do avanço da malária, instalação de mobiliário urbano, etc. Através deste empenho governamental Cabeçudas era considerado o balneário mais civilizado do estado como disse o jornalista Crispim Mira em 1921: “Dentre as demais praias catarinenses é essa, nos seus dois palmos de graça, a mais humana e civilizada” (MIRA, 1921, p.2).

Sendo o veraneio a beira mar a nova moda da época que conferia status aqueles que fizessem dessa prática um hábito, as elites catarinenses passaram

a ocupar aquele balneário contratando afamados arquitetos e engenheiros para produzirem suas residências. As mudanças urbanísticas e arquitetônicas eram tão relevantes que os jornais exaltavam esta nova condição de Cabeçudas: “O balneario itajahyense trocou o seu vestido de chita e sua blusa de cambraia pelos figurinos de Copacabana. Cabeçudas está vestida de novo. Jogou fóra os seus galpões e as suas casinhas de madeira, para erguer vivendas magníficas” (SOUZA, 1940, p.1).

Entre as décadas de 1920 e 1930 difundiram-se por toda orla os bangalôs. Este tipo arquitetônico havia caído no gosto das elites a ponto de seu emprego ser elogiado na imprensa da época. As famílias Bauer e Malburg, por exemplo, de grandes industriais do Vale do Itajaí, possuíam seus bangalôs de frente para o mar, em cujas varandas faziam algumas refeições e observavam o movimento na praia. Infelizmente, para estes exemplares não foi possível identificar o profissional responsável pela construção.

Posteriormente, na década de 1940, foi a vez do uso do estilo californiano. Apesar de, desde a década de 1920, o estilo californiano, ou Mission Style, ter sido empregado no Brasil, apenas vinte anos depois ele aparece nos projetos destinados a Cabeçudas. Sabe-se que o Mission Style é originário dos Estados Unidos e chegou ao país através do arquiteto Edgar Vianna que estudou na Universidade da Pensilvânia (EUA). Não se pode dizer, porém que houve um atraso no seu uso naquele balneário, pois sua difusão por todo o país se deu de fato na década de 1940. Ainda nos anos 40 era comum em Cabeçudas a construção de chalés que remetessem aqueles construídos no norte europeu, e começaram a ser introduzidos alguns elementos do Art Déco. Em tempos onde o ecletismo imperava a mistura de elementos e estilos arquitetônicos era bem vista desde que bem harmonizados pelo profissional responsável pela obra.

Alguns profissionais ligados à construção civil que possuem obras naquele balneário na década de 1940 são: o engenheiro Francisco Canziani, que nasceu no Paraná e formou-se em Milão; o engenheiro Belmiro Galotti, que nasceu no estado do Amazonas e se formou na Faculdade de Engenharia do Estado do Paraná; Eurico Borges dos Reis, nascido na Bahia e formado em engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro; o engenheiro Benjamin Lobo Farias, vindo do Amazonas e formado também na Politécnica do Rio de Janeiro; e Félix Malburg, o único itajaiense do grupo, era formado em Minas Gerais.

Na década de 1950 no balneário as arquiteturas começaram a abandonar o ecletismo de outrora e surgiram os primeiros exemplares modernistas. Exemplos emblemáticos deste período são os dois projetos encontrados para uma residência de propriedade de Augusto Reichow. O primeiro projeto de 1958 foi realizado por Hans Broos, engenheiro arquiteto formado pela Universidade Técnica de Braunschweig, Alemanha, em 1948. Broos projetou diversas obras importantes para a arquitetura

moderna brasileira como a Igreja São Bonifácio, em São Paulo, e alguns prédios da fábrica Hering, em Blumenau.

O projeto realizado por Broos para Augusto Reichow se constituía por um grande bloco, ressaltando formas puras e primárias, estava sob pilotis, sem telhado aparente e contendo brise soleil, elemento concebido por Le Corbusier e muito presente na produção modernista, principalmente entre as décadas de 30 e 40.

No ano seguinte, porém, surgiu um novo projeto, desta vez realizado por Jaime Wassermann. Este engenheiro nascido em Montevideu e formado em 1947 pela Universidade Federal do Paraná é um personagem de destaque dentre os profissionais da arquitetura moderna em Curitiba, sendo considerado o maior empreendedor de conjuntos habitacionais do Paraná, executados entre 1967 e 1981 (TAKEUCHI, 2010). Este segundo projeto foi o escolhido por Augusto Reichow para a construção de sua casa em Cabeçadas, era menos ousado, no qual os elementos modernistas não estão tão evidentes como no projeto de Hans Broos. A residência ainda existe mas não está protegida como patrimônio histórico e artístico.



Figura 1 - Projeto de Jaime Wassermann para a casa de Augusto Reichow, 1959.

Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Jaime Wassermann possui outros projetos para Cabeçadas, dentre eles uma residência para Waldemar Schloesser, seu primeiro trabalho para aquele Balneário; e um grande hotel que não foi construído, o Cabeçadas Palace Hotel, este, um projeto Modernista que segue a implantação tradicional da cidade moderna, na qual a lógica da quadra e rua tradicional é contrariada. Remete a um exemplar do estilo internacional, arquitetura geométrica, lisa, sob pilotis, na fachada foram desenhadas janelas que remetem às janelas em fita, possibilitadas pela planta livre.

Foi na década de 1960 que as grandes joias modernas foram instaladas em Cabeçadas. Dois exemplares ainda existentes naquele balneário merecem destaque dentro da listagem de arquitetura moderna, a primeira delas a ser comentada é um casa projetada para Ingo Renaux em 1961 por Arthur Lício Marques Pontual.

O arquiteto formado em Recife “era adepto de uma conciliação entre arquitetura e design demonstrando sua posição em toda sua carreira criando desde selos, logotipos e cadeiras, até casas e grandes edifícios” (FAGUNDES, 2014, p.282). Assim, Pontual esteve na liderança de uma exposição sobre Brasília que percorreu o mundo em 1958, neste período era funcionário da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Dois anos depois se associou a Aloisio Magalhaes e Luís Fernando Noronha criando o escritório M+N+P. A sociedade logo se desfez, mas este exemplar de Cabeçudas foi projetado ainda dentro deste escritório. A obra era tão relevante para seu criador que chegou a ser apresentada na Bienal de São Paulo de 1969.

A segunda construção com significativo valor arquitetônico é o Hotel Balneário de Cabeçudas, hoje chamado Hotel Marambaia. O projeto deste exemplar foi realizado pelo arquiteto Roberto Félix Veronese, nascido e formado no Rio Grande do Sul. O hotel inaugurado em janeiro de 1962 era reconhecido na época como um dos mais completos e modernos de todo o estado. Além disso, suas formas arquitetônicas surpreendiam:

(...) possui como volumetria arquitetônica principal um grande prisma retangular sobre pilotis. Situa-se na frente do lote dispondo-se horizontalmente e paralelo à rua, na diagonal da praia, privilegiando assim a todos os apartamentos a vista para o mar. O pé direito duplo configurado pelos pilotis define a divisão do volume de quatro pavimentos em dois setores distintos. O volume superior fechado onde ficam os dois pavimentos com os quartos com sacadas e o volume inferior parcialmente aberto, onde ficam os setores administrativos e sociais. Este é composto por dois blocos construídos isoladamente, sem ocupar sua totalidade. O térreo abriga o restaurante, onde se encontra um painel mural de Rodrigo de Haro, e a cozinha. Deste espaço se tem acesso ao passeio e a praia. O conjunto formado pela rampa e escada, junto ao passeio e à fachada principal, cria acesso ao segundo pavimento do volume aberto, onde ficam a sala de jogos, espaço de bagagens, recepção e extensa sala de convivência para os hóspedes, cuja sacada descoberta permite observar a rua e a praia. (FAGUNDES, 2014, p. 295, 296).

Veronese possui outras relevantes obras em Santa Catarina. O Hotel Marambaia de Balneário Camboriú; o Laguna Tourist, na cidade de Laguna; e o Edifício Normandie, em Florianópolis, são também de sua autoria. Todos eles seguem os preceitos da arquitetura moderna divulgada no país, especialmente a vertente corbusiana.

4 | ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL: VERTENTES E CAMINHOS

No Brasil, o movimento moderno surgiu a partir das inquietações de intelectuais e artistas que desejavam romper com as correntes artísticas anteriores realizando eventos como as exposições de Lasar Segall em 1913 e Anita Malfatti em 1917, precursores da Semana de Arte Moderna de São Paulo que veio a acontecer em 1922, e é considerada um marco na história cultural brasileira (NOLL; ODEBRECHT,

2012).

Para Lauro Cavalcanti na obra: “Quando o Brasil era moderno” (2001), o movimento moderno teve seu início em São Paulo e encerrou seu ciclo nas construções de Brasília. Ainda para Cavalcanti, a compilação das obras vai além da filiação corbusiana ou bauhausiana, abarcando arquitetos anônimos na historiografia, como Flávio de Carvalho por seu experimentalismo poético, mencionando a própria Lina Bo Bardi, por suas experiências junto ao vernacular na arquitetura.

A arquitetura moderna é introduzida no Brasil por movimentos migratórios, bem como por profissionais brasileiros que concluíram seus estudos na Europa e voltaram ao Brasil para disseminar o ideário modernista. Cavalcanti reforça que as condições políticas e econômicas foram indispensáveis para assinalar o modernismo brasileiro:

Algumas enormes diferenças assinalam, contudo, o nosso modernismo: a boa condição econômica do Brasil, o desejo de o governo buscar uma nova face para a capital federal e uma brilhante geração de intelectuais e arquitetos, com penetração nas brechas ao aparelho cultural do estado, que transformaram o estilo em uma nova linguagem, inconfundivelmente brasileira e universal. (Cavalcanti, 2001).

No Brasil, se destacam como principais nomes da Arquitetura Modernista, Gregori Warchavchik, Lúcio Costa, os irmãos Roberto, Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer, responsáveis por obras que surgem na década de 1920, como as casas da Rua Santa Cruz (1928), da Rua Itapólis (1929) e da Rua Bahia (1930), e de forma mais intensa na década de 1930 com edifícios no Rio e São Paulo, dentre os quais se destaca o Ministério de Educação e Saúde, conhecido como Edifício Gustavo Capanema, RJ, 1936. Recentemente o arquiteto e autor britânico Kenneth Frampton, admitiu em uma revisão de sua obra que o imigrante russo, Gregori Warchavchik, trouxe a modernidade para o Brasil e ergueu em São Paulo a primeira casa modernista, sendo que Le Corbusier chegou dez anos mais tarde.

O projeto do complexo da Pampulha de Oscar Niemeyer, inaugurado em 1943, foi a obra com a qual este arquiteto ganhou projeção e reconhecimento tanto nacional quanto internacionalmente ao desafiar a monotonia da arquitetura moderna e tomar partido da liberdade plástica que o concreto permite.

Podemos identificar duas vertentes na arquitetura moderna brasileira, a escola carioca (já citada anteriormente) e a escola paulista. Tratando-se a primeira da arquitetura fortemente influenciada pelos princípios Corbusianos e a segunda, de acordo com Zein (2000) pode ser considerada uma outra vanguarda brasileira, cuja afirmação começa a despertar entre arquitetos de São Paulo nos anos 50, consolidando-se localmente nos anos 1960 e expandindo nacionalmente sua influência formal nos anos 70. Conhecida também como arquitetura paulista brutalista, tem entre seus principais nomes arquitetos como João Batista Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Ruy Ohtake, Decio Tozzi, Eduardo de Almeida,

entre outros, incluindo também, de maneira mais oblíqua, arquitetos como Carlos Millan e Joaquim Guedes, e igualmente, embora de maneira menos reconhecida, a figura ímpar de Lina Bo Bardi.

Zein (2000) em sua dissertação de mestrado após vasta pesquisa sobre o assunto afirma que a “arquitetura paulista” não era uma tendência estanque, não se limitando apenas a arquitetos de São Paulo nem estando presente em todos os arquitetos paulistas; e que além disso, já havia influenciado arquitetos e obras de outras regiões do país. Apresenta um resumo de suas características construtivas, que seriam:

Procura de horizontalidade; jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão; tratamento cuidadoso de estrutura de concreto armado aparente; elementos de circulação têm função destacada: se internos, definem zoneamento e usos, se externos, sua presença plástica é marcante. A tecnologia empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos, sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/lateral, volumes anexos com estrutura independente. (ZEIN, 1983, p.81 apud ZEIN, 2002, p.22).

Para Noll e Odebrecht (2012) a tipologia moderna foi introduzida em Santa Catarina na década de 1950, com a construção do atual edifício das Diretorias, no centro de Florianópolis, um dos primeiros projetos com linhas verticais na capital.

No estado encontram-se manifestações do Movimento Moderno com projetos de Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx e Hans Broos. Gideon (2004) afirma que a Arquitetura Moderna não dependeu de um número reduzido de pessoas e que inúmeros colaboraram com o seu progresso, como arquitetos de menor expressão que demonstraram sua importância no meio local ou regional, e podem ser destacados em Santa Catarina, Carlos Valente, Domingos Trindade, Egon Belz, Paulo Motta, Raul Cardoso, entre outros.

De acordo com Mauro Neves (2008), a produção arquitetônica entre as décadas de 1960 e 1970, embora marcada pelos êxitos alcançados pelo modernismo brasileiro, cujo ápice pode ser estabelecido em Brasília, revela as inquietações próprias daquelas décadas tão complexas. Segundo o autor, foi a produção desse período que acabou por apontar caminhos alternativos para além do modernismo cujos resultados testemunhamos num passado tão recente e procuramos compreender até os dias de hoje.

Na década de 1970 as arquiteturas apresentadas transformam-se rapidamente, não mais se veem os pilotis ou janelas em fita usados anos antes. Nestes novos tempos surgiram os prédios com mais de cinco andares com elementos diferenciados daqueles utilizados e baseados na arquitetura modernista e as residências unifamiliares que passaram a privilegiar a horizontalidade. Um exemplo de um

desses edifícios com novos elementos e características que se afastam da estética modernista, é o Edifício Manon em Itajaí, projetado em 1971.



Figura 2 - Edifício Manon em Itajaí, projetado em 1971.

Fonte: Acervo de Thayse Fagundes e Braga.



Figura 3 – Projeto do Edifício Manon.

Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Assim como nas décadas anteriores, mas com intensificação nos anos 70, a maior parte dos profissionais que projetaram arquiteturas para Cabeçudas era brasileira. Até meados da década de 1950 eram vistos muitos estrangeiros, formados no exterior, com obras naquele balneário, mas com o passar dos anos houve maiores investimentos do Brasil em cursos de Arquitetura e Urbanismo, e Engenharia Civil, além da diminuição dos fluxos de imigração dos elementos da classe média europeia para o país, ocasionando assim, um maior número de profissionais brasileiros, formados aqui, atuando profissionalmente.

Comparando as décadas de 1950 e 1970 fica mais evidente esta mudança em relação à origem e formação dos profissionais atuantes em Cabeçudas. Nos anos

50, dos profissionais que foram identificados, a metade era de brasileiros formados no país e a outra metade era estrangeira sendo que desses, um era formado no Brasil, enquanto nos anos 70 todos os profissionais eram formados no país e apenas um era estrangeiro. Apesar de os dados da década de 1960 serem incompletos, todos os profissionais encontrados que atuaram em Cabeçudas eram nascidos no Brasil. Esta modificação mostra como esta modernidade introduzida neste balneário histórico foi realizada por profissionais brasileiros com conhecimentos adquiridos neste país a partir da consolidação de um campo da Engenharia Civil e da Arquitetura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; CARVALHO, Maria Rosa; FREIRE. **O IPHAN e os desafios da preservação do patrimônio moderno: A aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos**. 2010, p. 333-348.

CAVALCANTI, Lauro Augusto de Paiva. **Quando o Brasil era moderno**. Guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.

FAGUNDES, Thyse. Enseada de Cabeçudas: **A formação sócio-espacial do balneário**. 2014. 350 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <file:///D:/Downloads/327815 (23).pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

GIDEON, S. **Espaço, tempo e arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MIRA, Crispim. **Praias Catharinenses**. Jornal O Comercio. Itajaí, p. 2. 20 mar. 1921.

MOREIRA, Fernando D. **Os Desafios postos pela conservação da Arquitetura Moderna**. Ceci 2010. Disponível em: <www.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/59/534-textos-para-discussao-v-46.html> acesso em: 11 abr.2018.

NEVES, Mauro. **Décadas de 1960 e 1970**. In: MONTEZUMA, Roberto (Org.). **Arquitetura Brasil 500 Anos: o espaço integrador**. Recife: UFPE, 2008.

NOLL, João Francisco; ODEBRECHT, Sílvia. **Modernidade em Arquitetura e Urbanismo em Santa Catarina**. Blumenau: FURB, 2012.

SOUZA, Josué Claudio de. **Cabeçudas vestida de novo**. Jornal do Povo. Itajaí. 30 out. 1940.

TAKEUCHI, Washington Cesar. **A arquitetura modernista de Curitiba: Jaime Wassermann**. [2010]. Circulando por Curitiba. Disponível em: <http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2010/03/arquiteturamodernista-de-curitiba_21.html> Acesso em: 10. Abr. 2018.

TINEM, Nelci. **Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba, Bahia**, Artigo publicado nos Cadernos PPG-AU/FAUFBA, 2010.

ZEIN, Ruth Verde. **Arquitetura brasileira, escola paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha**. 2000. 237f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). PROPARG-UFRRS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

ZEIN, Ruth Verde. **Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser**. Arqtexto, Porto Alegre, p.6-31, 2002. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Ruth.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453

Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424

Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465

Arqueologia Pós Desastre 96, 99

Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457

Arquitetura sensorial 1

Automação 357, 363, 364, 368, 369

Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466

Construção sustentável 357, 359

Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

D

Desastre ambiental 244

Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200

Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314

Espaço de preservação 1

Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289

Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

F

Fontes renováveis 370, 371, 373

H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491
Policromia 108, 109, 110, 111, 120
Pontes 380, 381, 382, 391, 392
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

R

Reconstituição 14, 24, 391
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

S

Serviço social 134, 135, 136, 144
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

